



ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: NOTAS SOBRE UM RESSIGNIFICAR DO SER E DO APRENDER

SUPERVISED INTERNSHIP IN KINDERGARTEN EDUCATION: NOTES ON A RESIGNIFICATION OF BEING AND LEARNING

Débora dos Reis Silva Backes 1

Resumo: O presente artigo insurge das reflexões advindas a partir do acompanhamento do Estágio Supervisionado desenvolvido no período de 02 de janeiro a 04 de fevereiro de 2019, em uma escola municipal de educação infantil da cidade de Aracaju, realizado na turma Infantil 04 (crianças de 04 anos de idade). Trata-se de um dos estágios curriculares exigidos para obtenção do grau de licenciado em Pedagogia, essencial para a construção da complexa, ampla e multidimensional identidade profissional do pedagogo. Nesse sentido, aqui está representado e ressignificado uma série de questões relativas à área da Educação, especificamente a Educação Infantil. A partir da análise de dados, foi percebida a predominância de abordagens que não consideram a criança como protagonista de seu processo de aprendizagem, demandando reflexões sobre práxis pedagógicas que constituam uma reconfiguração desse processo.

Palavras-chave: Formação docente. Infância. Pedagogia.

Abstract: This article arises from the coming reflections from the monitoring of the Supervised Internship developed from January 02 to February 04, 2019, in a local kindergarten education in Aracaju, held in the Infant 04 class (children aged 4). It is one of the curricular internships required to obtain a Pedagogy degree, essential for the construction of the complex, broad and multidimensional professional identity of the pedagogue. In this sense, here is a represented and ressignified series of issues related to the Educational area, specifically Kindergarten Education. From the data analysis, the predominance of approaches that don't consider the child as the protagonist of their own learning process was perceived, demanding reflections on the pedagogic praxis that constitute a reconfiguration of this process.

Keywords: Teacher Training. Childhood. Pedagogy.

Introdução

Para dar início a escrita dessa atividade de tão grande significação para minha formação, não restrita somente ao nível profissional, mas também (e principalmente, diria eu) alcançando minha condição humana e inquieto corpo que não se intimida diante das dúvidas e incompreensões, se lançando aos desafios e às buscas que me permitem o movimento necessário para me compreender ativa enquanto cidadã e professora em devir.

Compreendendo a Educação como um processo de desenvolvimento do homem, contextualizado histórica, social e culturalmente, é possível entender estudantes de Pedagogia e pedagogos como “pescadores” da riqueza humana, que precisa ser percebida em cada sujeito, para que este possa ter consciência de si, do mundo, do outro, da sua realidade, refletindo, questionando e ressignificando seus conhecimentos e podendo agir e modificar o meio em que está inserido.

O processo de ensino e aprendizagem é uma prática social, de caráter amplo e transformador. Compreendendo-se que teoria e prática são inseparáveis, sendo que, a formação do educador transita por fatores multidimensionais envolvendo ambas, de preferência e de alguma forma, amplamente relacionados, o processo do Estágio Supervisionado compõe-se em uma atividade de inserção do graduando nos ambientes escolares, oportunizando uma articulação dos aportes teóricos tratados nas mais diversas disciplinas, instrumentalizando a práxis educacional.

O estágio supervisionado em questão foi realizado em uma Escola Municipal de Educação Infantil, na capital sergipana, do dia 02 de janeiro à 04 de fevereiro de 2019, organizado somente às segundas e quartas desse período citado, no turno vespertino, que compreende os horários de 13:00 às 17:00 horas.

A instituição atende crianças de 03 a 05 anos de idade, compreendendo o ensino infantil, das turmas de nomenclatura assim determinados: INFANTIL 03, 04 e 05, nos turnos manhã e tarde, sendo uma turma de cada nível por turno. Constitui a única escola pública de ensino infantil do bairro em que está inserida, recebendo em média 15 crianças por turma, alcançando primordialmente, famílias de situação econômica vulnerável socialmente.

Escolhi essa instituição para realizar meu estágio II por ser uma Escola inserida na comunidade da qual faço parte, e sobre a qual busco tomar conhecimento em suas características, pois dessa forma, compreendo as necessidades das famílias, do próprio bairro e da Escola em si, abrangendo o alcance de meu trabalho pedagógico para o entorno da instituição e me envolvendo também como cidadã ativa na comunidade a qual estou inserida.

Descrição da Atividades Desenvolvidas

Observação

Nos dias 02, 07, 09, 14 e 16 de janeiro de 2019 foi desenvolvido essa etapa do estágio onde tive a oportunidade de acompanhar a professora regente nas atividades propostas.

À entrada das crianças era solicitado que deixassem seu material (aquelas que possuíam) num determinado local reservado da sala e que entregassem o material didático (quando enviado para casa na aula anterior) para as devidas correções.

Na sequência, era-lhes incentivado um momento lúdico (com variação de materiais oferecidos): uso dos brinquedos coletivamente e modelagem com massinha.

Às 14:00 horas se dava o início do desenvolvimento da aula do dia, que se estendia até às 15:00, quando iniciava-se o procedimento de orientação para a realização da atividade de sala, por parte da docente regente, para que, em seguida, as crianças fizessem a atividade. Das 15:00 às 16:00 ocorria o recreio, num primeiro momento as crianças sendo conduzidas ao refeitório (o cardápio é organizado semanalmente) para em seguida serem conduzidas ao pátio da escola, onde podiam brincar livremente, com a presença no ambiente de alguns funcionários observando e intervindo quando julgando necessário.

Das 16:00 até o final do horário determinado, era reservado para alguma atividade de revisão de conteúdo e para orientações para a atividade de casa.

Nesse período, executei observação do material didático, do planejamento e das práticas

pedagógicas amplamente, dos alunos, um pouco de contato com suas famílias, com os funcionários e equipe gestora, procurando ouvi-los e senti-los percebendo seu fazer pedagógico, suas expectativas, sentimentos e contribuições para o desenvolvimento das crianças.

Regência

Busquei trabalhar com as crianças de forma que fosse possível oportunizar a elas experiências lúdicas e contextualizadas, incentivando e reconhecendo em suas participações, a importância de fazê-las conhecedoras de sua própria realidade, assim, aprendendo e levando seu saber ao ambiente na qual está inserida, fazendo uma troca, pois, busca em seu ambiente elementos que proporcionem a relação com o conteúdo que ela aprende na escola, reconhecendo-se ativa, capaz e responsável.

A significação para os aprendizados constituiu-se claramente num elemento essencial de contribuição para o processo de aprendizagem, pois, as crianças puderam concretamente participar dessa construção de seu saber.

Percebi a necessidade de intensificar a proximidade dos alunos com os livros, em processos de leitura e conversas sobre interpretação de texto, assim que, na observação, senti que se desinteressavam rapidamente pelo processo de leitura, abstraindo-se para um estado completamente desatento.

Durante a regência desenvolvi alguns momentos de “Roda de leitura” como atividades iniciais, quando escolhi para o momento leituras relacionadas a abordagens a respeito dos valores que permeiam a boa convivência, prezando pelo respeito a si, ao outro e ao ambiente, adequando a atividade ao projeto (Paz na Escola) sugerido. Sentada ao chão junto às crianças (19 alunos) em formato de roda, iniciei a contação com o livro voltado em direção à turma, de forma que acompanhassem imagens impressas contendo mensagem similar à da história ouvida, tendo que, à minha solicitação, identificarem a imagem correspondente à lida na obra (exemplo: “Bibi ganhou um estojo de lápis de cor”...perguntei à turma se entre as imagens misturadas no chão estaria um estojo como o de Bibi, ao que eles identificavam) com isso, chamando atenção dos pequenos para o sentido da história ouvida, despertando-lhes o interesse em acompanhar o desenvolvimento do conto. Além disso, aproveitei o momento para conversarmos sobre os valores (honestidade, respeito, partilha, empatia) em questão nos livros, trazendo para situações do cotidiano dos alunos, incentivando-os para a necessidade de um bom convívio social, numa troca humana e cidadã coletivamente construída de um saber viver bem.

A aprendizagem das letras, a leitura das palavras, pode e deve ser relacionada a leitura de mundo do aluno, visto que essa se desenvolve através das experiências desde muito cedo, bem antes da leitura e da escrita, quando percebemos o mundo ao senti-lo e vivenciá-lo. Observei o ensino das letras um tanto quanto descontextualizado, distante da compreensão dos pequenos, assim como, o processo de aprendizagem dos números, principalmente, porque boa parte das crianças apresentaram dificuldades em compreender as representações numéricas e seus significados.

As imagens que traziam palavras iniciadas com as letras trabalhadas seguiam as apresentadas na apostila didática (cada aluno tinha a sua. Material produzido na escola). Preparei as aulas, tanto de letras quanto de números (alternavam-se a cada semana) em cartazes feitos com cartolina, contendo, no caso das letras, a letra trabalhada em relevo (contornada com cola glitter colorida ou papel camurça ou crepom ou EVA atalhado) de maneira que cada criança pudesse tocar o cartaz contornando a letra com o dedo, tendo assim oportunidade de ter uma experiência sensorial a respeito daquele assunto. Já no caso dos números, utilizei material dourado, para que lhes fosse possível significar quantidades através da contagem.

Durante a observação me foi possível acompanhar a professora solicitando que contassem a quantidade de crianças na sala e depois, a quantidade de meninos e meninas, percebendo nas crianças uma noção de conhecimento em significado numérico. Com o material dourado participaram satisfatoriamente, proporcionando-lhes uma maior compreensão a respeito de contagem.

Nas aulas em que trabalhei números, confeccionei também jogos da memória (números/ imagem) o que para alguns alunos foi difícil desenvolver, me fazendo perceber que seria necessário

um momento que antecederesse à essa atividade, onde utilizei números móveis de EVA e de material plástico, junto à cartela de imagens solicitando que fizessem a contagem dos conjuntos de elementos expressos nas cartelas relacionando aos números correspondentes, solicitação prontamente respondida pelos pequenos, que faziam questão de participar.

As aulas sobre letras contaram também com atividades como “Colheres das letras”, onde usei colheres transparentes (descartáveis) em pares (uma com a letra e outra colher com uma palavra) onde a criança era solicitada a fazer o par entre uma colher com uma letra e outra colher com uma palavra iniciada por aquela letra. As crianças participaram alegremente, sentindo-se apoiadas e confiantes.

Contou ainda, em outro momento, com “a Lata das letras”, onde organizei as crianças em formato de círculo e pedi que passassem uma lata de mão em mão (a lata continha todo o alfabeto confeccionado em cartolinas, recortado e colado cada letra em tampinhas de garrafa pet, com uma abertura para que a criança pusesse a mão, sem conseguir olhar para o conteúdo da lata) quando acabassem de cantar uma música (durante o trânsito da lata de mão em mão) ao fim da música, a criança que estivesse com a lata na mão teria que pegar uma letra; de acordo com a letra que estivesse em suas mãos, a criança escolheria uma das cartelas com imagem (no centro da roda, haviam várias cartelas com figuras e palavras diversificadas) que iniciasse a escrita com a letra sorteada. Constituiu-se numa atividade bastante proveitosa, onde puderam visitar o alfabeto amplamente.

Outras atividades foram desenvolvidas, como, cartelas de números com prendedores; pintura e colagem (papel picado) com a letra V; autorretrato, onde busquei a representação que a criança faz de si, conversando com eles a respeito, ouvindo e dialogando sobre suas angústias, dúvidas e expectativas.

Na sala, contávamos com a presença muito significativa de uma criança no espectro do autismo, que contava com a atenção específica de seu cuidador, profissional esse que, além de cuidar do bem estar físico do pequeno, também contribuía com o processo de aprendizagem da criança. O pequeno não acompanhava o mesmo conteúdo, mas dentro do que ele desenvolvia era possível sua participação junto à turma em todas as atividades, ainda que restrito a suas limitações, muito era produzido por ele. Pude desenvolver algumas atividades, assim que se passou o período de observação, onde me foi possível perceber seus gostos pessoais, suas preferências e elementos motivadores (super-heróis, praia, guerreiros) desenvolvendo atividades de pintura; colagem; identificação de formas; cores; relação letra/imagem; chocalhos, onde ele teria que formar pares que produzissem o mesmo som; aramados para conduzir objetos por trajetos sinuosos, para desenvolver sua coordenação motora; quebra-cabeças e um dado de EVA, onde cada lado apresentava uma atividade motora (fechar um zíper, abotoar, amarrar, entrelaçar) diferenciada e com superfícies de texturas diversas, também buscando desenvolver sua coordenação motora e a dessensibilização sensorial.

Conversamos, eu e as crianças, sobre cooperar com o colega que necessitava de auxílio e incentivo para poder alcançar uma aprendizagem produtiva, esclarecendo às crianças que, mesmo apresentando qualquer dificuldade ou limitação, toda e qualquer pessoa é capaz de aprender.

Tive a oportunidade de acompanhá-los em uma visita a um Parque da cidade, onde pude observá-los brincando e compartilhando juntos um momento de atividades coletivas, quando conversei e refleti com eles sobre alegrias, convivência, partilha, respeito, conflitos, empatia, generosidade, honestidade, cuidado com o outro, autocuidado e responsabilidade. Me foi possível observar a presença e intervenção das professoras nesses momentos também, analisando e refletindo a respeito.

Análise dos Dados

No decorrer de minha vida busco incessantemente compreender como posso lidar com minhas próprias experiências, meus valores e conhecimentos diante das realidades desenhadas nos mais variados contextos e momentos históricos, para diante dessa percepção, questionar, refletir e ressignificar minhas próprias posturas alcançando uma reconstrução frequente de minha identidade e de mim mesma.

A área da Educação já estava em minha observação desde os tempos de aluna, pois que, muitas pessoas acompanhei terem sua autoestima seriamente abaladas por professores em seu exercício de prática docente e, à minha percepção, isso sempre pareceu ser um enorme equívoco. Nenhum saber que é construído com sofrimento psíquico pode ser positivo, e nisso minha intuição, meu modo de ver, ler e sentir o mundo, vai na direção oposta de muita gente.

Tenho consciência das consequências de meus aprendizados sob pressão psicológica, o custo é alto e nos acompanha até que possamos transmutar os efeitos nocivos em algo que nos mova e nos devolva a nós mesmos, coisa que a Escola vem tirando das pessoas faz tempo, num movimento equivocando e distante de seu verdadeiro papel social, sua essência transformadora, se reduzindo a “formatar” pessoas obedientes que seguem e se encaixam como numa “linha de montagem” de uma fábrica, à lógica de mercado, sem questionar “o que todo mundo faz” atendendo a manutenção do *status quo*, sem saber aplicar seus conhecimentos fragmentados à sua própria vida nem muito menos tem condições de se movimentar no meio ao qual está inserido, pois que não reconhece nem sua própria essência e responsabilidade, dispensando seu potencial de agir e modificar sua realidade.

A educação infantil prima pela socialização da criança e seu primeiro contato com os conteúdos escolares, colocando-a diante do processo de alfabetização. Seria o momento para tomarem contato consigo mesmas, num espaço e convívio com pessoas diferentes de sua família (que por si só já é um ambiente que inspira insegurança) onde ela deve ser encorajada a confiar em si mesma, respeitando-se tendo sua criatividade estimulada, suas vivências reconhecidas, seus medos acolhidos, lidar com suas eventuais dificuldades para, no contato com o outro, percebê-lo, respeitá-lo, reconhecê-lo, encorajá-lo e construir junto com ele. E então lidar com o mundo. Em todas as suas instâncias.

Sá (2014) descreve que a escola faz mal às crianças quando, dentre outras circunstâncias, as obriga a ter ritmos e rotinas muito pouco personalizadas, ou seja, como se aquele grupo de crianças que formam uma turma tivesse o funcionamento biológico, necessidades, características, histórias de vidas e contextos iguais, imaginando que essas crianças sejam capazes de se descentrar de si próprios e se adequar aos ritmos e regras impostos pelas instituições.

O autor completa ainda que se dá demasiado valor à escola, ou seja, às práticas conteudistas, como se a vida só se aprendesse nos livros, não havendo nenhuma conexão com a própria existência, pois sim, Educação tem a ver primeiramente com nossa essência do existir.

Hanna Arendt (2003, apud LARROSA, 2014) descreveu que a Educação tem a ver com o nascimento, ou seja, tem a ver com o fato de que, constantemente nascem seres humanos no mundo. Ao que Larrosa pontua, seguindo-se a leitura de sua obra, o nascimento é o princípio de um processo no qual a criança é introduzida no mundo e se converterá em um de nós, pondo a criança em continuidade conosco e com nosso mundo. Desse modo, a chegada de uma criança situa-se numa dupla temporalidade: o começo de uma cronologia que ela percorrerá no caminho de seu desenvolvimento, individualizando-se e socializando-se; e por outro lado esse momento do nascer constitui um episódio na continuidade da história do mundo.

Segundo Larrosa, a educação é o modo como as pessoas, as instituições e as sociedades respondem a chegada daqueles que nascem, ou seja, é a forma com que o mundo recebe os que nascem. Educar é estar à disposição daquele que vem, sem pretender reduzi-lo à lógica que impera em nossa casa (LARROSA, 2014).

Durante o acompanhamento da vida escolar dos meus filhos (que se deu desde 2001, com a entrada na escola do meu filho mais velho, passando pela escolarização de outros dois filhos até os dias atuais com o acompanhamento da escolarização da filha mais nova, que desenvolve seu primeiro ano do ensino fundamental, estando em processo de alfabetização) os questionamentos saltavam da dimensão da minha alma para o plano físico, quando senti a necessidade de adentrar nesse universo da pesquisa nessa área, buscando compreender porque tanta dificuldade em pegar na mão de uma criança, respeitosamente, valorizá-la, reconhece-la, perceber sua riqueza, acolher seus sentimentos e ajudá-la a compreender que ela pode e deve se mover criticamente no mundo. Porque, infelizmente, não ouvimos nossas crianças, nem mesmo as consideramos dignas de serem ouvidas.

Cohn (2005) pontua que, para podermos compreender o que é a infância, há necessidade

de considerarmos que as concepções do que vem a ser criança, desenvolvimento e capacidade de aprender não podem ser dissociados do contexto sociocultural e histórico de onde provêm. A autora ressalta que não basta pensar como os adultos de cada sociedade pensam suas crianças, mas o que essas crianças pensam sobre si mesmas e o que pensam sobre o mundo dos adultos, sendo essencial promover a comunicação entre o mundo infantil e o mundo adulto que seriam vistos na nossa sociedade como descontínuos. A criança atua, de forma efetiva, na criação de relações sociais e nos processos de aprendizagem e produção de conhecimento, o que faz através de jogos e brincadeiras.

Barros (1999) apropria-se do universo infantil, brincando com a palavra e em muitos momentos, demonstrando como um adulto pode perceber a plenitude de uma criança; assim cita-se:

O menino fazia prodígios

Até fez uma pedra dar flor!

A mãe reparava o menino com ternura

A mãe falou:

Meu filho, você vai ser poeta.

Você vai carregar água na peneira a vida toda.

Você vai encher os

Vazios com as suas

E algumas pessoas

Vão te amar por seus

Despropósitos (BARROS, 1999, p.114).

Olhar uma criança exige observá-la como um todo. Foi com esse propósito que cheguei à Escola de Educação Infantil, onde fui recebida muito atenciosamente pela diretora, coordenadora pedagógica e professora regente do Infantil 04, que supervisionou o desenvolvimento do meu Estágio.

Com imenso aprendizado, no sentido do trabalho pedagógico desenvolvido pela professora, mas, principalmente, no que me foi fornecido pelo convívio com as crianças, posso dizer que foi uma vivência enriquecedora que contribuiu para construir e desconstruir alguns aspectos.

Zabalza (1998) destaca a atenção que se deve privilegiar aos aspectos emocionais na Educação Infantil, constituindo-se base ou condição necessária para qualquer progresso nos diferentes âmbitos do desenvolvimento infantil (psicomotor, intelectual, social e cultural). O autor enfatiza que a emoção age no nível de *segurança* das crianças, onde se interliga o *prazer*, o *sentir-se bem*, o ser capaz de assumir *riscos* e enfrentar o desafio da *autonomia*, conseqüentemente oportunizá-las a assumir gradativamente o *princípio de realidade*, compreender, aceitar e refletir sobre as relações sociais e assim por diante.

Porém, observei crianças com medo, agressivas umas com as outras, acusadoras, desconectadas, individualistas, dependentes, sem iniciativa e principalmente, descrentes de si mesmas. Lógico que isso se deve a uma variedade de fatores relacionados não só à Escola, mas, à família e aos seus contextos. Diante de tal confronto me foi permitido refletir, praticar e reconstruir práticas de orientação, redirecionando um fazer pedagógico.

Csikszentmihalyi (1990 apud Zabalza, 1998) destaca que uma das condições para o bom trabalho é que sejamos capazes de nos sentir bem nele. O desenvolvimento desse Estágio não foi influenciado por qualquer pressão nem mesmo das imposições da escola (como seguir o conteúdo determinado no planejamento, mas, com liberdade para direcioná-lo através de minhas propostas, ou nos momentos em que fui obrigada a deixar uma criança sem recreio, por “desobediência”)

visto que enfrentei tais situações como desafio e percebi que o diálogo respeitoso abre exceções e oportunidades.

Crianças que são solicitadas a ficarem quietas: que querem se expressar, trazendo suas relações com seu contexto e são desvalorizadas; crianças que recebem ordens ameaçadoras; crianças que são desencorajadas em suas iniciativas; situações em que tive que fazer correções nas apostilas didáticas, onde um aluno desenvolveu o seu potencial naquele momento, porém, ainda não alcançando o “esperado” para o sistema educacional, quando fui orientada a solicitar que o pequeno “repetisse a atividade se esforçando para conseguir algo melhor”, desprezando sua produção.

Essas foram algumas das situações desafiadoras, onde me deparei com a necessidade de decidir como contribuiria com aquele aluno, ainda que, dentro das exigências. Acredito que consegui.

Busquei ajudá-los a compreender que são capazes, inclusive, houve um momento em que fizemos uma roda de conversa sobre a capacidade que todos possuem, inclusive pessoas com deficiência, pois, senti que não entendiam o comportamento do colega com autismo, me fazendo sentir que era momento de esclarecer à turma que ele é capaz e aprende, precisaria apenas de estratégias diferentes.

Resolvi desenvolver essa roda de conversa porque um dos alunos me questionou porque não poderia utilizar um material específico que produzi para seu colega que está no espectro do autismo, ao que eu, além da conversa com todos, reforcei que, dentro de certa organização (para não causar tumulto) seria interessante que participem junto ao colega no desenvolvimento da atividade específica, caso fosse confortável e prazeroso a ele, enriquecendo dessa forma o aprendizado de todos. Observei que com a participação de um colega, as atividades específicas do aluno com autismo fluíam com mais leveza, alegria e participação.

Amajorpartedaspráticasdesenvolvidaspartiamdeumateoriatradicionaldescontextualizada, apesar da visível dedicação da professora regente em diversificar as dinâmicas, porém, limitadas pelo cansaço e correria das aulas em dois turnos e pela reprodução mais confortável do paradigma do controle pela disciplina e medo sendo confundida com autoridade. Coisa observada ainda nas minhas professoras há quarenta anos.

As relações entre os profissionais da instituição são cordiais, ainda que em alguns detalhes guardem algumas tensões e durante o recreio das crianças, alguns profissionais se colocam na observação delas, mas sem direcionamento das brincadeiras, porém, intervenções quando julgadas necessárias.

Como uma oportunidade de fazer algo diferente, mais envolvente capaz de captar todos os sentidos do aluno, como descrito por Zabalza (1998), o desenvolvimento de uma experiência concreta, foi proposto pela escola e um convite à participação me foi direcionado, ao que eu não me furtei à chance de acompanhar.

Porém, até mesmo o estado de ânimo das professoras era claro, pelo cansaço, pela precariedade das condições de trabalho, pela ausência de oportunidades (pelo contexto de cada um) de mudança, pelos paradigmas não ressignificados...pelo “continua tudo como sempre foi”.

As crianças percebem-se como um incômodo, um trabalho, um peso. Porém, eu pude incentivá-los a utilizarem aquele momento para voar um pouco, para aproveitarem a natureza, para desenvolverem respeito e amor.

Considerando as imensas necessidades educacionais que o mundo contemporâneo nos coloca; considerando o imenso clamor que vem da escola abandonada de diretrizes e perspectivas pedagógicas; considerando o abandono dos professores que, ilhados nas escolas, sem tempo, espaço e condição para se organizarem em coletivos investigativos e reflexivos (FRANCO, 2008), a escola onde desenvolvi o estágio supervisionado precisa olhar mais amplamente dentro da dimensão do pensamento crítico. Crítica nos próprios referenciais teóricos e metodológicos que permeiam o fazer pedagógico; vislumbrar o pensamento voltado às condições de regulação social; buscas de estratégias para responder às demandas postas pela educação brasileira e às mudanças necessárias na própria postura como educador que necessita refletir sua práxis pedagógica constantemente.

Estudo, consciência e reflexão. E um movimento de inquietude constante poderão fazer de um pedagogo um agente que permite seu aluno se reconhecer e se desenvolver de forma ampla.

Considerações Finais

Meus objetivos de contribuir de alguma forma, dada as proporções de tempo limitadas, acredito que foram alcançados, na medida em que uma criança me abraça e diz que é inteligente; foi cumprida quando uma criança me olha nos olhos e me mostra orgulhosa a sua produção, na certeza que será valorizada; quando uma criança consegue contar o número de colegas presentes na sala, alcançando o significado de um número, se virando em minha direção dizendo: “eu sei contar, eu consigo”.

Quando eu posso escrever o relatório com leveza e agilidade para pôr em palavras o que senti e o quanto aprendi. E o quanto quero aprender mais.

Foi enriquecedor, na medida em que essa inquietude que me movimenta é alimentada pela certeza de que é possível.

Referências

BARROS, Manoel de. **Exercícios de ser criança**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1999.

COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

FRANCO, Maria Amélia do Rosário Santoro. **Pedagogia como ciência da educação**. São Paulo: Cortêz, 2008.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. Porto Alegre: Contrabando, 1998.

PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na formação de professores: unidade, teoria ou prática**. São Paulo: Cortêz, 2011.

SÁ, Eduardo. **Hoje, não vou à escola!** Alfragide: Lua de papel, 2014.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2008.

ZABALZA, Miguel A. **Qualidade em educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

Recebido em 21 de abril de 2021.

Aceito em 14 de março de 2022.